

## **Recebimento da Medalha Centenária, em Juazeiro do Norte**

Prof. Jesualdo Pereira Farias

É com imensa honra e muita alegria que aqui compareço, cercado de familiares e amigos, para receber a Medalha Centenária.

A homenagem que o Instituto Cultural do Vale Caririense presta a este filho do Juazeiro do Norte é uma distinção que me envaidece, ainda mais por ter ao meu lado, neste ato solene, o jornalista e escritor Lira Neto e a professora e artista plástica Maria Assunção Gonçalves.

Escolhidos pela relevância de suas obras e de suas contribuições para a sociedade, Lira Neto e a professora Maria Assunção se fizeram dignos de receber, desta Academia, o reconhecimento, a gratidão e a mais alta comenda relativa ao centenário de Juazeiro do Norte. Pela estatura intelectual e humana dessas duas personalidades, é que me enche de orgulho e responsabilidade a tarefa de falar em nome dos homenageados desta noite.

Nós, os homenageados, já fomos saudados e qualificados pelos nossos padrinhos, Dr. Geraldo e Prof. Renato Cassimiro, e pela nossa madrinha Iris Tavares. A todos eles agradecemos sensibilizados.

Quero agora, portanto, saudar a grande homenageada deste ano, Juazeiro do Norte, minha terra natal; terra natal da professora Assunção; terra que, com certeza, também conquistou o coração de Lira Neto.

Quero viajar no tempo, retornar ao Juazeiro da minha infância, da minha adolescência e de muitos reencontros nos últimos 37 anos. Reviver aquelas lembranças que levei comigo quando, por falta de oportunidade para continuar aqui estudando, parti para Fortaleza, levando a certeza de que a fé e a coragem, típicas do romeiro nordestino, e a base de educação, cultura e ética, construída no seio de minha família e no Colégio Salesiano, seriam fundamentais para os desafios do futuro, para sublimar a saudade dos meus pais, dos irmãos mais jovens e dos amigos e familiares que aqui ficaram.

Não sonhava, aquele menino tímido, de família juazeirense humilde, que um dia aqui voltaria para, ao lado de pessoas tão ilustres, receber uma homenagem de tamanho significado.

A homenagem à professora Assunção, com certeza, é também uma homenagem a nossos mestres, aqueles que moldaram a nossa formação cultural, ética, política, social, artística, técnico-científica e esportiva. Vejo neste auditório, com grande emoção, a presença de muitos professores. Lembro-me de meus professores Renato Dantas, José Bezerra, dona Quininha, Abraão Batista, e lembro com igual emoção aqueles que partiram, mas permanecem presentes em suas obras, dentre eles: professor Macário (o nosso querido Padim), professor Luiz Magalhães e professor Santana. Nos seus nomes quero lembrar e homenagear todos os mestres que formaram a inteligência desta cidade. Nossa formação traz muito forte a marca desta terra, representada pelas bênçãos de todos estes mestres.

A homenagem ao escritor Lira Neto é, sem dúvidas, uma homenagem a todos aqueles que se dedicaram a contar e registrar a história da nossa cidade, da nossa cultura, do nosso povo. A todos eles, fica registrado um preito de gratidão.

Lembro dos escritos de José de Figueiredo Filho e de Irineu Pinheiro, viajando sobre a história do Cariri. Lembro de Ralph Dela Cava, de Padre Azarias Sobreira, de Gilmar de Carvalho, de Regis Lopes, de João Arruda, de Renato Cassimiro, de Daniel Walker, de Alberto Farias, de Amália Xavier, dentre tantos que nos ajudam a compreender mais e melhor este milagre do Padre Cícero chamado Juazeiro do Norte. Rendo homenagens a mais de uma centena de escritores, estudiosos e jornalistas que contaram essa rica história.

Celebrar o centenário da nossa cidade é também se lembrar de uma cidade imaginária vivida por tantos irmãos que estiveram presentes no nosso cotidiano e que pelas ruas vagavam em busca de sonhos nunca alcançados. Por muitas razões, eles tornaram a nossa cidade diferente: João Remeche Bucho, Tetê, Príncipe Ribamar e tantos outros que, com certeza, creditavam a nós a loucura, enquanto viviam um mundo de sonhos sem muitas preocupações.

Esta centenária cidade confunde-se com a riqueza de seus múltiplos personagens, de sua cultura, de seus artistas, dos cordéis, da xilogravura, do som da rebeca (como é mesmo que chamam em Juazeiro: rebeca ou rabeca?) de cego Oliveira, dos reizados, das lapinhas, das nossas renovações, das feiras de ruas, dos camelôs. Juazeiro das oficinas de ouro, dos flandeleiros, ferreiros, seleiros, das mãos mágicas de Ciça do Barro Cru, de mestre Noza, das tecelãs de palha da Rua do Horto, das rezadeiras, dos nossos poetas repentistas, dos quais destaco a genialidade do grande mestre Pedro Bandeira.

Sei do risco que corro, ao tentar buscar marcas relevantes para este momento, mas prefiro correr este risco e deixar fluir da minha frágil memória tudo que pra mim foi marcante. Lembro agora dos encontros nas calçadas de minha Vó, professora Nenem Mamede, ao som do bandolim de seu Didi e do violão de Nair Silva, muitas vezes compartilhados com infundáveis acordes no seu piano. É como se agora sentisse o forte cheiro do seu cigarro de palha, cuja fumaça era moldada pelo ritmo da música, alguns goles de cerveja e muitas gargalhadas.

Viajar pela parcela do tempo que me cabe neste centenário é lembrar do Mirim Esporte Clube do Salesiano, do amigo Gil Grangeiro a organizar serenatas regadas a cerveja e Martini, noites adentro pelas ruas do Juazeiro. É lembrar do Carnaval e do nosso bloco muitas vezes campeão, cujo nome não guardava qualquer dose de originalidade: o Cordão dos Puxa-Sacos. É lembrar dos encontros na Praça Padre Cícero, onde podíamos desfrutar do desfile das lindas garotas juazeirenses (uma delas tornou-se minha esposa há 23 anos) e das conversas e brincadeiras com os amigos. É lembrar o sabor da *banana split* da Beira Fresca, e das primeiras doses de rum na Masa e no Hotel Municipal. É lembrar do primeiro porre regado a cerveja e cajuína São Geraldo.

Nas sextas-feiras, a seresta no Treze, suas matinês aos domingos. As previsíveis finais do campeonato juazeirense entre Icasa x Guarani, algumas delas ainda na LDJ.

Juazeiro dos festivais de música, de Luiz Fidelis, de Stênio Diniz, de Abidoral, dos encontros universitários do CAJUNO (que tive a oportunidade de dirigir) e do dissidente CASC, dos jogos universitários, das quadrilhas de São João, das tertúlias, da subida ao Horto, das procissões, dos desfiles de 7 de setembro e das tão aguardadas romeiradas.

É esta, meus amigos, a Juazeiro que trago na memória por mais de 35 anos e que se soma à cidade que se modifica a cada ano, crescendo e se consolidando como uma grande metrópole multicultural. É esta cidade que me orgulha e que nunca esqueci. É esta cidade que me acolhe sempre, como a mãe acolhe um filho que sempre retorna a sua casa após longas jornadas.

Quero manifestar meu contentamento ao testemunhar o acelerado desenvolvimento deste rincão, impulsionado pelo trabalho e pela fé do seu povo, impulsionado, mais recentemente, pela presença da Universidade Federal do Ceará, e fortalecido, todos os dias, pelas bênçãos do nosso grande patriarca e santo popular nordestino, o Padre Cícero Romão.

Em nome dos homenageados desta noite, agradeço, penhorado, a Medalha Centenária que nos foi outorgada. Solenemente, nós três assumimos o compromisso de honrar este precioso galardão. Através da amiga Diana Barbosa, agradecemos à Comissão do Centenário e, do Dr. Geraldo Menezes Barbosa, transmito nossa sincera gratidão a todos os que fazem o Instituto Cultural do Vale Caririense, sodalício que tão bem traduz a riqueza desta terra e que, de uma maneira tão fiel, incorpora a generosidade – e a genialidade – do seu povo.

Muito obrigado a todos.